



UMA TEOLOGIA DA CRUZ HOJE: SINAL, CAMINHO E ANÚNCIO

Erik Dorff SCHMITZ¹

RESUMO

Nesse artigo queremos apresentar uma proposta de Teologia da Cruz para os dias de hoje, sendo ela sinal, caminho e anúncio para os cristãos e para o mundo. A metodologia, sendo bibliográfica, buscará mostrar as bases bíblicas e teológicas para afirmarmos que é possível e necessário ampliar o anúncio pastoral e a reflexão teológica para uma Teologia da Cruz, diante de algumas espiritualidades e práticas pastorais e/ou litúrgicas exclusivistas e intimistas. Olhar para um Deus que foi crucificado implica um espírito de derrotismo para a sociedade atual, baseada na ostentação. A cruz num primeiro momento pode parecer derrota, mas pela transformação que o próprio Cristo fez da cruz, vemos que ela se torna caminho de vida plena. Percorrendo um caminho desde a tradição judaico-cristã, pelo Evangelho de Marcos, e nas afirmações de teólogos de hoje, queremos apresentar a cruz constituindo uma trilha para seguir os mesmos passos de Jesus. Abraçar a cruz de Jesus implica seguir o próprio Cristo. Com isso abraçar todas as implicações que este seguimento comporta.

Palavras-chave: Cruz; Teologia; Sinal; Caminho; Anúncio.

1 INTRODUÇÃO

A cruz como sinal, caminho e anúncio permeou e permeia a reflexão de apóstolos, santos e santas, teólogos e fiéis cristãos durante séculos. Vista por muitos como símbolo de uma religião, o Cristianismo, ela tem para além desse

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: <erik.schmitz@hotmail.com>.

sentido, um outro sentido teológico, espiritual e pastoral que necessita ser resgatado em tempos atuais. Como veremos, os Evangelhos, o Apóstolo Paulo e vários teólogos já anunciaram, afirmaram ou refletiram sobre o significado da cruz como caminho de seguimento, espiritualidade e ação pastoral nos ambientes cristãos e na sociedade em geral. A cruz pode ser vista hoje como um símbolo já banalizado. Porém, para os cristãos, tal símbolo por si só fala muito, ainda mais quando entra na vida do discípulo de Jesus como um caminho de espiritualidade e seguimento. Além da valorização do símbolo que temos em nossas casas ou em ambientes públicos, queremos reforçar a importância de se desenvolver uma Teologia e espiritualidade da cruz, que não é dolorismo, sofrimento e crueldade, mas que vai além disso, numa proposta mais centrada e coerente com o que Jesus de Nazaré anunciou e propôs, em ideias, palavras e exemplos que temos hoje nos Evangelhos.

2 O SINAL E O SIGNIFICADO DA CRUZ HOJE

Primeiramente vamos analisar segundo a reflexão de Anselm Grün em sua obra **A cruz: imagem do ser humano redimido**, como ela se constitui sinal e símbolo do cristão. No batismo marca-se a pessoa com este sinal, e assim ela é resgatada do poder do mundo. A unção traçando este símbolo no peito e na fronte do batizando realiza a entrega do cristão a Deus e o livra do poder do Maligno. Como analisa Grün:

Quando cristãos se benzem cada vez mais com a cruz, eles se lembram de seu batismo, lembram-se de que são propriedade de Deus, de que todas as atuações de sua vida estão sob a benção da cruz. Isso é tematizado em muitos textos dos Padres da Igreja. Por exemplo, Tertuliano escreve no ano 211: Em cada saída e despedida, em cada início e fim, ao vestir-nos e calçar-nos, antes do banho, quando nos sentamos à mesa, quando acendemos as luzes, quando deitamos em nosso leito ou nos sentamos numa cadeira, em cada atividade dos afazeres diários marcamos a fronte com o sinal da cruz (GRÜN, 2009, p. 22).

Em tempos remotos, ser cristão era ser perseguido. Confessar publicamente e seguir a Cristo era morte certa. Os cristãos eram conhecidos como os seguidores do Caminho. Posteriormente, se identificavam com o símbolo de um peixe. Mesmo assim e, corajosamente, os primeiros cristãos não abandonaram os sinais de sua fé:

O decisivo é que os cristãos se colocaram sob a cruz em todas as situações, e se deixaram tocar pela força sanadora e redentora da cruz. Naquela época, marcar-se com a cruz era uma confissão pública a Cristo, que muitas pessoas tiveram de pagar com a própria vida. Também hoje, o sinal da cruz que fazemos, por exemplo, num restaurante antes da refeição tornou-se novamente uma confissão pública a Cristo (GRÜN, 2009, p. 23).

Porém nos dias de hoje é cada vez mais difícil ver um cristão benzer-se publicamente. Confessar-se cristão – se não é motivo ainda de morte – é talvez visto como ridículo, fraqueza ou até superstição por olhos menos crentes. Desde os primórdios da Igreja, temos referências ao sinal da cruz marcado na testa. Existe também o costume de traçar o sinal com o polegar na testa, na boca e no peito, para confessar que nosso pensar, falar e sentir devem estar marcados pelo amor de Cristo. Há também o sinal da cruz grande, benzendo-se com a mão inteira desde a testa até o ventre e depois desde o ombro esquerdo até o direito. Como explica Grün:

Com isso expressamos que, sendo seres humanos, existimos em forma de cruz, que unicamente Cristo pode manter juntas todas as contradições e todos os opostos da nossa existência humana. [...] Os cristãos experimentavam nesse gesto que são inteiramente amados e aceitos por Deus, que pertencem a Deus e não ao mundo, e que estão protegidos contra todas as influências negativas que se derramam sobre eles do lado de fora (GRÜN, 2009, p. 24-25).

Diante disso temos um primeiro sinal da cruz. Uma forma primitiva de manifestar-se seguidor de Cristo, além de outras como o peixe, ou o Caminho. O sinal da cruz representa uma postura de fé centrada na pessoa de Jesus Cristo. Centralizar a fé em Cristo produz uma fé de seguimento, anúncio, discipulado, como Ele anunciou em suas viagens com seus discípulos. A cruz implica em discipulado. Como também afirma Ágda França, o sinal da cruz é ainda identificável:

Nossa identidade de seguidores de Jesus Cristo pode ser compreendida a partir do símbolo da cruz, propriamente o lugar da morte e da ressurreição. Em uma sociedade onde a tendência ao secularismo e a inibição ao que é religioso fala alto, a cruz é dos símbolos que ainda mantém seu status, e sua mensagem é transmitida com autoridade. Talvez isso se deva, à identificação das pessoas com o sofrimento presente na cruz (FRANÇA, 2010, p. 69).

Esse status, porém, se olharmos para as palavras e gestos de Jesus não deve ser o status do engrandecimento, da riqueza e do egoísmo. Esse sinal, tem que se

transformar em Teologia, espiritualidade, anúncio, pastoral e seguimento de Jesus. Na Igreja primitiva quem mais se dedicou ao desenvolvimento de uma Teologia da cruz foi o apóstolo Paulo. Ele desdobra sua reflexão e ação em três contextos diferentes. Anselm Grün nos ajuda nessa explanação ao mostrar em Paulo a força e sabedoria de Deus manifestada:

Primeiro, há a palavra do escândalo da cruz, que é 'para judeus um escândalo revoltante, para gentios uma loucura, mas para as pessoas chamadas, tanto judias como cristãs, Cristo, a força de Deus e a sabedoria de Deus' (1Cor. 1,23). Para Paulo, a cruz mostra a imagem de um Deus que ousa humilhar-se em seu Filho Jesus Cristo e abrir-se aos fracos. Ele vê na cruz um protesto contra todo autoelogio, como se alguém pudesse tornar-se justo por força própria e confiar em suas próprias obras religiosas. A cruz se torna visível a sabedoria de Deus, que consiste justamente em seu amor que não exclui ninguém, mas que se volta especialmente às pessoas fracas e fracassadas (GRÜN, 2009, p. 33).

A cruz nesse primeiro momento é um rebaixar-se contra toda ostentação e glória humanas. Os cristãos perseguidos tiveram que fazer isso também. Paulo, esvaziando de suas convicções antes de sua conversão, passou pela cruz e assim transformou sua vida humilhando-se também e perdendo todas as glórias de sua época.

O segundo significado mostra-se na disputa com adversários judeus.

Para Paulo, a cruz é um sinal do amor de Cristo que viveu 'por nós' e morreu 'por nós'. Ele operou para nós a salvação e invalidou o caminho da salvação pela Lei, pela Torá. [...] Aqui, a cruz é um sinal da graça de Deus e um protesto contra a tentativa do ser humano de redimir-se a si mesmo e de comparar a sua salvação com o desempenho próprio. Essa tendência marcou não só a piedade dos fariseus, mas se introduz furtivamente em cada caminho espiritual. Sempre estamos no perigo de querer operar pessoalmente nossa salvação, de torná-la dependente da observância de determinadas regras e leis. Para Paulo, a cruz contraria esses caminhos de salvação escolhidos por seres humanos e nos remete ao mistério da graça divina (GRÜN, 2009, p. 34).

Entregar-se à graça divina que nos vem do amor maior de Deus. É isso que Paulo fez e deixou-nos como caminho de conversão e espiritualidade. Já não precisamos dos antigos sacrifícios, mas da misericórdia de Deus. A lei antiga já passou, Jesus veio levá-la à plenitude e instaurar a lei do amor e da graça.

O terceiro significado que Paulo atribui à cruz é uma imagem da nossa existência cristã:

‘Todos os que pertencem a Cristo crucificaram os instintos egoístas junto com suas paixões e desejos’ (Gl 5,24). E pouco depois, Paulo diz de si mesmo: ‘Quanto a mim, que eu não me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para mim, e eu para o mundo.’ (Gl 6,14). Portanto, a cruz é um sinal para a nova existência na fé, na qual somos conduzidos pelo espírito de Jesus Cristo e não mais por nossas paixões, na qual é Deus quem reina sobre nós e não mais este mundo com seus parâmetros. Para Paulo, a cruz é um protesto contra um mundo fechado sobre si, que permite ser governado por paixões e poderes demoníacos. Essa nova existência ‘cruza’, contraria, o modo existencial fechado do pecado e o abre para o Espírito de Deus que nos transforma e renova. [...] O mundo, com suas medidas e seus parâmetros de desempenho, reconhecimento, já não tem poder sobre nós. Já não nos definimos a partir daquilo que o mundo acha de nós, se temos sucesso ou não, se temos saúde ou não, mas a partir de Deus, que nos mostrou em Jesus Cristo uma nova possibilidade de existência humana, a saber, o ser humano que vive do amor e que nesse amor se entrega (GRÜN, 2009, p. 34-35).

Esse testemunho do apóstolo Paulo ilumina hoje o nosso ser e viver cristão conforme a cruz de Jesus. O apóstolo dos gentios passou pela cruz e mudou de vida. Nós devemos passar também e transformar nossa vida para algo mais pleno. Por esse testemunho, o sinal da cruz, a cruz colocada em nossas paredes, traçada em nosso corpo, em nossas vidas, deve nos lembrar sempre e em todas as circunstâncias que estamos envolvidos pelo amor e pela graça. Deus se abaixa até a poeira de nosso dia-a-dia, para ali nos tocar e curar amorosamente em nossos aspectos mais vulneráveis.

3 A CRUZ COMO CAMINHO DE ESPIRITUALIDADE E TEOLOGIA

Por causa do exemplo de Cristo, a realidade da cruz pode ser assumida como uma grande dimensão de espiritualidade. Extrair deste símbolo um caminho espiritual foi proposto por teólogos e santos durante a história da Igreja. Não queremos propor um caminho do sofrimento pelo sofrimento, mas um caminho de fé e espiritualidade humildes, próximos ao jeito de Jesus falar e agir, buscando resgatar sua espiritualidade podemos encontrar nos Evangelhos e relatos dos apóstolos. Podemos também acenar um caminho espiritual, como faz Segundo Galilea:

É no cristianismo que a cruz encontra toda a sua significação. Não porque o cristianismo nos ensine a eliminar a cruz ou faça da cruz um valor em si

mesmo, mas porque, em virtude de Cristo, que assumiu toda a condição humana, inclusive o fato do sofrimento e da cruz, a experiência da cruz pode ser santificadora e até mesmo libertadora para o homem, podendo encontrar um lugar na vinda do Reino. Por causa de Cristo, o fato da cruz pode ser assumido como uma dimensão de espiritualidade. É assim que compreendemos o chamado de Jesus a 'tomar a cruz', 'carregar a cruz de cada dia', 'perder a vida' ou 'morrer como um grão de trigo' (GALILEA, 1983, p. 222).

Indo por esse caminho de espiritualidade daremos maior sentido para as adversidades da vida que nos parecem tirar a esperança. Poderemos fazer das dificuldades e cruces de cada dia, uma força propulsora para reencontrar na vida com Cristo um sentido para tudo. Este símbolo nos faz crescer:

Somente no seguimento de Cristo é que a cruz nos faz crescer na vida segundo o Espírito. [...] É o seguimento de Jesus, através do Espírito, que nos leva à pobreza, à abnegação ou à cruz. A cruz não deve ser buscada por si mesma: ela certamente é encontrada, como valor espiritual, na medida em que seguimos a Cristo (GALILEA, 1983, p. 223).

Abraçando uma espiritualidade crucificada poderemos olhar ao nosso redor e encontrar soluções mais concretas para os problemas que afetam nossa vida interior e exterior. Para Galilea, pode-se enumerar três categorias conforme este sinal se apresenta:

Em primeiro lugar, a cruz faz parte da condição humana. Nós somos limitados e vulneráveis: a doença, a frustração, o sofrimento e a morte são parte integrante de nossa vida. Viver essa experiência da vida à maneira de Cristo [...] já constitui espiritualidade. [...] Em segundo lugar, a cruz cristã é o preço e o caminho da conversão. Na medida em que estamos arraigados ao egoísmo e na tendência ao pecado, o caminho de conversão ao seguimento de Jesus pelo Espírito é um caminho de superação, de morte do 'homem velho' (Rm 6), de renúncia a viver 'segundo a carne' (Mt 18,8). Não há conversão cristã e não há nem mesmo superação e renovação 'humanas', sem essa forma de cruz que é a renúncia a nós mesmos. É isso o que Cristo quer dizer com seu chamado a 'carregar a cruz de cada dia'. Em terceiro lugar, a cruz como sofrimento e contradição, como perseguição e mesmo como morte é um resultado de compromisso fiel com Jesus e seu Evangelho do Reino. Essa é a dimensão mais rica e eminente da cruz na espiritualidade cristã, porque foi esse o modo eminente como Cristo experimentou a cruz (GALILEA, 1983, p. 223-224).

Ter isso presente, que a cruz faz parte da condição humana, que ela é o caminho da salvação e que ela traz um peso de contradição, nos faz criar e viver uma espiritualidade da cruz. Seguindo essas pistas teremos uma espiritualidade

evangélica, conforme Jesus teve e ensinou a seus discípulos a trilharem e anunciarem.

É importante aprender que o conteúdo essencial da pregação cristã é a própria pessoa de Jesus relatada nos Evangelhos, de quem emana o amor de Deus. O mistério mais profundo da caminhada de Jesus foi o evento de sua paixão, morte e ressurreição: sua crucifixão. Como afirma Broveto na obra **A Cruz: teologia e espiritualidade**: “a pregação do Evangelho coincide com a pregação da cruz. Ou seja: a pregação é palavra de ‘sabedoria’, mas se apresenta enquanto ‘cruz’, como loucura e escândalo (1Cor 1,18-25)” (BROVETTO, 1983, p. 203). Este é um ponto importante da pregação cristã hoje, pois as atuais espiritualidades vividas ou buscadas pelas pessoas, às vezes procuram eliminar Jesus crucificado de seu horizonte:

O distintivo do cristianismo é o Cristo que se identifica com o Jesus de Nazaré real e histórico, quer dizer, o Cristo Jesus em concreto. Mas o que nos preserva de confundir este Cristo, Jesus histórico, com as falsas imagens de Jesus? O definitivamente diferencial do cristianismo [...] é literalmente segundo São Paulo, *Jesus*, o Messias e este *Crucificado*. Não é enquanto ressuscitado, glorificado, vivente, divino, mas enquanto crucificado que este Jesus se diferencia, inconfundivelmente, dos muitos deuses ressuscitados, exaltados e viventes e dos fundadores de religiões, cézares, gênios e heróis divinizados na história universal (BROVETTO, 1983, p. 203-204).

Olhar para um Deus que foi crucificado implica um espírito de derrotismo para a sociedade atual, baseada na ostentação. A cruz, num primeiro momento, pode parecer derrota, mas pela transformação que o próprio Cristo fez da cruz, vemos que ela se torna vida e caminho de vida plena. Também a cruz é constitutivo irrenunciável da pregação cristã. Pela análise do conteúdo das pregações da Igreja nascente:

Nessas pregações, focalizava-se sempre o Cristo que fora crucificado, mas que venceu a morte, ressuscitando. São exemplos típicos, entre outros: as pregações de Pedro (At 2,23ss), de Pedro e João (cf. At 4,10ss), de Paulo em Antioquia (Cf. At 13,13ss) e a de Paulo em Atenas (Cf. 17,16ss). Nessas pregações sempre aparecia o binômio da morte e ressurreição de Cristo, os apóstolos eram testemunhas disso (BROVETTO, 1983, p. 204).

Retornar nesses primeiros anúncios de Cristo crucificado e ressuscitado torna nossa pregação mais conforme os Evangelhos e à Igreja Primitiva. Hoje também, na

reflexão teológica, a mensagem cristã se deforma se é esquecida a pregação explícita da cruz:

Com efeito, o anúncio cristão, sem a dimensão da cruz, torna-se a pregação de um Cristo a-histórico, abstrato, desumanizado, sem rosto humano e sem qualidade de vida e de exigências. Enfim, descuidar do polo da Cruz na globalidade do mistério é descuidar da Encarnação, pois conforme a tradição patristica, a 'Encarnação de Cristo se completou na cruz' (BRÓVETTO, 1983, p. 205-206).

Assim, vemos que a Cruz é constitutiva da pregação cristã. Diante de uma sociedade que se consolida no egoísmo, pregar o caminho da cruz se torna cada vez mais difícil nos dias atuais. Da mesma forma, diante de algumas espiritualidades que eliminam o sentido de fuga do mundo, o anúncio de Cristo crucificado se tornou hoje um caminho de contradição e loucura, como na Igreja Primitiva. Por isso, anunciamos um Deus crucificado. O anúncio de Paulo – o apóstolo da cruz – na sua primeira carta aos Coríntios nos faz configurados e seguidores do Deus Crucificado:

Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria; nós porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (1Cor 1,22-24).

Já naquele tempo, o anúncio de um Deus crucificado causava escândalo, pois ninguém entenderia Seguir um homem que se apresenta em igualdade com Deus, que sofresse tamanha humilhação pública. Porém, o anúncio do seguimento de Jesus desde o princípio se fez na exaltação da cruz e, nesta cruz, está a imagem do Crucificado. Como afirma Jürgen Moltmann em sua obra **O Deus crucificado**:

Jesus foi loucura para os sábios, escândalo para os piedosos e um perturbador para os poderosos. Por isso ele foi crucificado. E o mundo está 'crucificado' para aquele que se identifica com ele, conforme Paulo disse uma vez. Assim, ele é afastado da sabedoria, piedade e poder político da sua sociedade, o Crucificado tornou-se irmão dos desprezados, abandonados e oprimidos e, por isso, a fraternidade com seus 'pequenos irmãos' está obrigatoriamente ligada com a fraternidade e identificação com Cristo (MOLTMANN, 2014, p. 44).

O Deus crucificado vai traspasar o âmago da vida de Paulo. Por isso, ele anunciou com tanta coragem e audácia aos gentios a paixão, morte e ressurreição do Senhor. Anunciou com sua vida de seguimento do Senhor, Aquele que o

transformou. Para nós hoje anunciarmos o amor do Deus crucificado temos que deixar Ele transpassar nossa alma e nossa vida. Temos que fazer uma teologia e ter uma prática diária centrada no seguimento e no discipulado de Jesus de Nazaré, o Mestre:

A 'religião da cruz', se é que a fé pode ser chamada assim a partir das razões dadas, não é solene nem motivante no sentido mais comum, mas traz escândalo; e na maioria das vezes aos 'companheiros de fé' dentro do próprio círculo. Mas ela traz, por meio desse escândalo, libertação em um mundo cativo. Finalmente, em uma cultura que tem seus alicerces no princípio da produtividade e do prazer e, portanto, afasta a morte e a dor da esfera pública para a privada, para que ninguém precise vivenciar o mundo como um obstáculo, nada é tão impopular como a presentificação pela fé, do Deus crucificado (MOLTMANN, 2014, p. 61).

Nós, discípulos de Jesus Cristo, temos que fazer a cada dia ressoar o convite do mestre: "Renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mc 8,34). Moltmann nesse sentido afirma em sua Teologia:

O chamado ao discipulado (por exemplo Mc 8, 31-38) está no contexto da anunciação dos sofrimentos de Jesus. Seguir a Jesus sempre implica a negação de si mesmo e 'tomar a cruz' sobre si. [...] O chamado ao discipulado está no contexto do domínio iminente de Deus, e o símbolo disso é o próprio Jesus em pessoa. Por isso, o chamado é incondicional, injustificado e não tem fundamentação adicional. É sempre um chamado direto: 'Vinde em seguimento de mim' (Mc 1,17; Mt 2,14). Os que seguem ao chamado abandonam tudo. [...] Seguir Jesus significa desfazer todos os laços consigo família, profissão, etc., sim, desfazer os laços consigo mesmo, negar e odiar a si mesmo para ganhar o Reino (MOLTMANN, 2014, p. 80).

Esse caminho teológico é também caminho vivencial, de fé, de opção, de construção de vida. Quanto mais apreendermos na escola dos Evangelhos, mais estaremos na escola dos discípulos de Jesus. Em nossa pastoral também temos que seguir esse caminho para não reforçarmos as distorções que fazem da mensagem de Jesus.

4 QUE CRUZ DEVEMOS ANUNCIAR?

Na atual pregação e anúncio de Jesus e de sua cruz, é necessário purificar nossa forma de anúncio da mensagem cristã. Precisamos centralizar nossas

energias nas consequências do seguimento de uma pessoa com uma proposta sempre nova e coerente.

Como afirma Pagola:

Para os cristãos é vital reconhecer e confessar cada vez mais profundamente o mistério de Jesus, o Cristo. Se ignora a Cristo, a Igreja vive ignorando-se a si mesma. Se não o conhece, não pode conhecer o mais essencial e decisivo de sua tarefa e missão. Mas, para conhecer e confessar Jesus Cristo, não basta encher nossa boca com títulos cristológicos admiráveis. É necessário segui-lo de perto e colaborar com ele dia a dia. É esta a principal tarefa que precisamos desenvolver nos grupos cristãos (PAGOLA, 2013, p. 163).

Não podemos reduzir nossa vida cristã ao culto da cruz pela cruz ou do sofrimento pelo sofrimento. São necessárias propostas renovadoras e esperançosas para os cristãos hoje. Após a crucifixão vem a ressurreição! Renovar nossas estruturas de pastoral e evangelização para um maior comprometimento com o anúncio evangélico. Também não se pode reduzir seu anúncio à concepções teológicas estanques:

Reduzir a Paixão de Cristo a um conto matemático: do Getsêmani ao Calvário. Mas a Cruz atravessou a vida toda de Jesus no sentido de humilhação, esvaziamento, despojamento. Quer dizer: toda a vida de Jesus foi internamente Cruz, desde o princípio. Considerar a Paixão na ótica de resignação dolorista. Mas a Cruz deve ser força transformadora que nos leva ao seguinte processo: Não buscar a dor, mas suportá-la; não só suportar a dor, mas combatê-la; não só combater a dor, mas transformá-la. Pregar a Cruz sem Cristo. Mas, a esperança cristã nasce da Cruz porque nela foi crucificado Jesus, o senhor da Esperança. “Esvaziar” a Cruz, tirá-lhe todo o sentido, é abolir dela ao Crucificado. Por isso, a pregação não pode reduzir a Cruz ao madeiro. Isso é ‘coisificar’ a Cruz. Enfim, o objeto da pregação não deve ser a Cruz, mas o Crucificado, Senhor da Esperança (BROVETTO, 1983, p. 206-207).

Anunciar que a cruz atravessou toda a vida de Jesus nos anima para ir além de nossos problemas passageiros. Faz-nos ter mais coragem diante das lutas e embates da vida cada vez mais ameaçada. Entendê-la não somente dor nos encoraja para transformar as realidades de morte, sofrimento, solidão, exclusão, etc. Dá força para o povo seguidor continuar caminhando e lutando por seus direitos. Ter presente a imagem de Cristo crucificado nos faz ser discípulos do Deus crucificado, do homem de Nazaré que se esvaziou de si mesmo e não abandonou as consequências de sua missão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como constatamos, afirmar a cruz como caminho de seguimento, espiritualidade e vida está cada vez mais difícil e desafiador no mundo de hoje. A cultura do individualismo, está cristalizadas em nossa sociedade, onde a cruz reaparece como um escândalo e loucura.

Porém, apresentado esse caminho desde a tradição judaico-cristã, pelo Evangelho de Marcos, e nas afirmações de teólogos de hoje vemos que a cruz constitui uma trilha para seguir os mesmos passos de Jesus. Seguir a cruz de Jesus implica seguir o próprio Cristo. E com isso abraçar todas as implicações que este seguimento comporta.

Para Boff, diante de uma realidade marcada por tantas cruces, seguir e pregar a cruz de Cristo significa entre outras coisas:

1) Empenhar-se para que haja um mundo onde seja menos difícil amor, paz, fraternidade, abertura e entrega a Deus. [...] 2) Carregar a cruz como Jesus a carregou significa, portanto, solidarizar-se com aqueles que são crucificados neste mundo: os que sofrem violência, são empobrecidos, desumanizados, ofendidos em seus direitos. 3) Preguar a cruz pode significar um convite a um ato extremo de amor e de confiança e de total descentralização de si mesmo (BOFF, 1977, p. 159-160).

Ser discípulo de faz no caminho do seguimento de Jesus colaborando com a construção do Reino. Num sentido evangélico, colaborando para a construção de seu Reino:

Pregar a cruz, hoje, é pregar o seguimento de Jesus. Não é dolorismo, nem magnificação do negativo. É anúncio da positividade, do engajamento para tornar cada vez mais impossível que homens continuem crucificando outros homens. Essa luta implica assumir a cruz e carregá-la com coragem e também ser crucificado com hombridade. Viver assim já é ressurreição, é viver a partir de uma vida que a cruz não pode crucificar. A cruz só a revela ainda mais vitoriosa. Preguar a cruz significa: seguir Jesus. E seguir Jesus é per-seguir seu caminho, pro-seguir sua causa e con-seguir sua vitória (BOFF, 1977, p. 162).

Pregar a cruz significa seguir Jesus. Isso Jesus mostrou para seus discípulos em seu itinerário formativo nos Evangelhos. Os discípulos seguiram seu chamado e mandato e anunciaram o Reino a todos. Nós hoje, como cristãos devemos também sentir essa mística da cruz e do seguimento. Se fazer ao largo com o Mestre e anunciar com a nossa vida que seguimos um Deus crucificado e ressuscitado. Como também afirma Leonardo Boff, seguir Jesus é entrar na sua lógica de carregar a cruz a cada dia:

Se alguém quiser participar das promessas de vida eterna, se alguém desejar a ressurreição, ponha-se no mesmo caminho de Jesus, tente viver como Jesus viveu, faça do projeto de Jesus o seu próprio propósito fundamental. Reforce em si mesmo as energias de bondade, de escuta do outro e de ternura para com os penalizados desta vida. [...] Antes, preocupe-se com a qualidade humana e religiosa da vida: ela é uma vida que aumenta a vida dos outros? É uma vida de comunhão com Deus, com os homens, particularmente com os mais discriminados? Se essa for a tônica fundamental que define o perfil de nossa vida, então estaremos no seguimento de Jesus e no caminho da vida eterna (BOFF, 2012, p. 52).

Seguindo este caminho encontraremos uma forma de espiritualidade que nos faz viver a vida como doação, indo contra as barbáries da sociedade atual, do mundo moderno e resgatando o convite de Jesus no Evangelho de Marcos: “Se alguém quiser ser meu discípulo, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.” (Mc 8,34).

A THEOLOGY OF THE CROSS TODAY: SIGN, PATH AND ANNOUNCEMENT

ABSTRACT

In this article we want to present a proposal for theology of the cross for today, which is a sign, path and announcement for Christians and the world. The methodology, being bibliographic, will seek to show the biblical and theological bases to affirm that it is possible and necessary to expand the pastoral announcement and theological reflection for a Theology of the cross, in the face of some exclusive, selfish and pastoral and / or liturgical practices and . Looking at a God who was crucified implies a spirit of defeatism for today's society, based on ostentation. At first the cross may seem like defeat, but, by the transformation that Christ himself made of the cross, we

see that it becomes the path of full life. Following a path from the Judeo-Christian tradition, through the Gospel of Mark, and in the statements of theologians of today, we want to present that the cross constitutes a path to follow the same steps of Jesus. Following the cross of Jesus implies following Christ himself. And with that, embrace all the implications that this segment has.

Key-words: Cross; Theology; Signal; Way; Advertisement

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BOFF, Leonardo. **A cruz nossa de cada dia**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, 2012.

BOFF, Leonardo. **Paixão de Cristo e Paixão do mundo**: os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje. Petrópolis: Vozes, 1977.

BROVETTO, Costante. et al. **A cruz**: teologia e espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 1983.

FRANÇA, Ágda. **A cruz em Paulo**: um sentido para o sofrimento. São Paulo: Paulinas, 2010.

GALILEA, Segundo. **O caminho da espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1983.

GRÜN, Anselm. **A cruz**: imagem do ser humano redimido. São Paulo: Paulus, 2009.

PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus**: Marcos. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2013.

MOLTMANN, Jürgen, **O Deus crucificado**: A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Tradução de Juliano Borges de Melo. Santo André: Academia Cristã, 2014.